

**NENO
VASCO
100**

Organização:

. b i b l i o t e c a .

TERRA LIVRE

Instituto de Estudos Libertários
Livraria Ambulante Comuna de Patos

ÍNDICE

7. APRESENTAÇÃO

- 9. NENO VASCO, ANTÔNIO ALVES PEREIRA
- 12. NENO VASCO, ADELINO DE PINHO
- 17. MORREU NENO VASCO, JOÃO PENTEADO
- 20. NENO VASCO, EDITORIAL DE A BATALHA
- 24. UM ANARQUISTA PELO FATO, PINTO QUARTIM
- 26. UM HOMEM QUE MORRE E UM ESPÍRITO QUE VIVE,
ALFREDO NEVES DIAS
- 27. MORREU O NENO VASCO!, ADRIANO BOTELHO
- 29. UMA PERDA, FRANCISCO DE SOUSA
- 31. NENO VASCO, MÁRIO DOMINGOS
- 33. NENO VASCO, MANUEL JOAQUIM DE SOUSA



Neno Vasco
(1878-1920)

APRESENTAÇÃO

Há exatos 100 anos, o socialismo, o movimento operário e, especificamente, o anarquismo perdia um dos seus mais importantes militantes, Neno Vasco. Sua produção é vasta, diversificada e extensa, pois Neno escrevia desde peças teatrais, artigos de opinião, pesquisas históricas e teóricas sobre o anarquismo e sindicalismo revolucionário, até poemas e traduções em diversas línguas. Sua importância foi fundamental para o desenvolvimento do movimento anarquista tanto no Brasil quanto em Portugal.

Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno de Moreira Queiroz e Vasconcelos, nasceu em Penafiel em 1878. Entre idas e vindas, suas atividades militantes junto ao movimento anarquista e operário transcorreram entre Brasil (1901-1911) e Portugal (1911-1920). Esteve à frente importantes periódicos de São Paulo, como *O Amigo do Povo* (1902-1904), e de Lisboa, como *A Sementeira* (1908-1919). Pouco inclinado à ação pública, Neno Vasco contribuiu mais como um propagandista do que como um ativista. Por meio da palavra escrita, destacou-se em inúmeras frentes de luta no vasto horizonte libertário: na criação de uma estratégia sindicalista revolucionária, no engajamento com a causa anticlerical, na construção de uma tribuna antimilitarista, na

preocupação com a emancipação feminina, na luta pela pedagogia libertária, dentre outras. Tais ações colaboraram para conferir o “tom anarquista” que caracterizou o movimento operário dos dois lados do Atlântico. Vitimado por uma tuberculose, Neno Vasco faleceu em 1920, com apenas 43 anos, na cidade de São Romão do Coronado.

Para homenagear esse importante militante anarquista, a Biblioteca Terra Livre, o Instituto de Estudos Libertários e a Livraria Ambulante Comuna de Patos reuniram uma série de textos contando um pouco sobre a vida, a obra e as reflexões desse que foi um dos mais célebres anarquistas de língua portuguesa.

Esperamos ter feito um trabalho à altura de sua importância.
Boa Leitura!

NENO VASCO

A Comuna, Porto, 20/09/1920

Quando recebi em Espinho um telegrama dando-me a infausta notícia do falecimento deste querido amigo e inesquecível camarada, senti uma dor tão profunda que não pude escrever, como queria, umas breves linhas para o último número de A COMUNA. O sentimento pode mais do que a vontade.

Eu tinha-o visitado, em S. Romão, havia dias. E o seu estado de saúde, conquanto não fosse muito animador, não me fizera prever para tão breve, aquele desenlace fatal. Estava mal, mesmo muito mal; mas a esperança que depositava na cura, esperança que nunca o abandonava, levava-o falar-nos de diferentes coisas, entre elas a conclusão do seu livro, cujo primeiro volume está prestes a sair.

E estas palavras, pronunciadas vagarosamente, mas com a firmeza das almas fortes, daquelas almas que não se rendem à evidência do perigo, iludiam até os espíritos mais conhecedores das doenças como a que vitimou tão rapidamente Neno Vasco.

Assim, quem o ouvisse, não diria que ele estava tão próximo do fim. Sozinho, entre aquelas quatro paredes do quarto do hotel onde se encontrava a ares, ele arquitetava projetos sobre objetivos, que expunha, depois, aos amigos, aos camaradas, em amena cavaqueira.

“Após o meu livro, cujo primeiro volume já está pronto – dizia-nos ele – vou publicar um Cancioneiro Revolucionário, com música e letra; depois organizarei um volume só com artigos de Malatesta, artigos que são sempre de palpitante atualidade, porque Malatesta é um militante anarquista dos mais práticos que eu conheço. A seguir, dedicar-me-ei a outras coisas que me parecem necessárias, sobretudo para desfazer equívocos, mal-entendidos e confusões. Há muito que desbravar, infelizmente.” E por aqui fora explicava, corrigia, com uma lucidez de espírito, que a toda a gente dava a impressão de que estava quase restabelecido, para retomar o seu lugar no posto de combate que a doença o obrigara a abandonar.

Afinal...

Afinal, a tuberculose pode mais do que a vontade que o animava – roubou-o ao convívio da família, dos amigos e dos camaradas, para o atirar à vala comum!

Ah! Com que tristeza, com que mágoa, ele havia de ver aproximar-se a hora da despedida, sem poder concluir aquilo que projetara, aquilo que era toda a sua preocupação – o seu livro!

* * *

Morreu o Neno Vasco. A sua vida, foi a vida dum verdadeiro e imaculado Apóstolo da Anarquia – uma vida exemplar sempre consequente com as ideias que defendia em público.

Quando estalou o conflito europeu, Neno Vasco não perdeu a serenidade; conservou-se no seu campo. Ele, que sempre foi contrário à guerra, que sempre a combateu, quer ela tivesse um carácter ofensivo, quer um carácter defensivo, continuou a demonstrar, na Aurora, o papel que deviam desempenhar os anarquistas nesse momento histórico. Alguns jornais, nomeadamente Accion Libertária, de Gijon, não gostaram da sua e nossa atitude, e saíram à liça, combatendo os princípios anarquistas que, na Aurora, se defendiam com hombridade.

Neno Vasco, com uma paciência sem limites, provou aos camaradas da Accion que estavam em erro. Os anarquistas não podiam, nem podem, ser guerristas, pronunciar-se por este ou por aquele grupo de potências capitalistas, provocadoras, por ambição, dos conflitos armados. E hoje, quem quiser, pode avaliar quanta razão lhe assistia. Alguns guerristas dessa época já reconheceram que o seu procedimento não foi coerente com os princípios anarquistas que propagandeavam antes da guerra, e emendaram a mão...

O mesmo se deu com a tão decantada “ditadura proletária”. Neno Vasco não se deixou enlevar com o barulho que se fez em torno da Revolução Russa. Aquilo – dizia-me ele numa carta – não é o que nós queremos. Os indivíduos que defendem a “ditadura proletária”, fariam bem melhor declarar-se marxistas ou neomarxistas. Lucraria com isso a clareza e evitar-se-iam confusões, tanto ou mais perigosas do que aquelas que assistimos durante a guerra europeia. E com efeito, os anarquistas tem um fim, um alvo a atingir – o Comunismo Libertário. E é para ele que devem caminhar, nunca se desviando da sua trajetória. Que importa que nos matem o bicho do ouvido com exemplos, com figuras, com retóricas, se tudo isso, não passa de eleger os amos que, amanhã, nos hão-de tyrannizar, como nos tyrannizam os amos de hoje?...

* * *

Morreu o Neno. A família anarquista está de luto. Que, ao menos, o seu exemplo de tenacidade, de trabalho, de estudo, sirva de exemplo a todos nós, e especialmente aos novos, para continuarmos, a obra que ele nos legou. Será esta a melhor prova de solidariedade de que, vivamente, queremos o triunfo definitivo da Anarquia.

Antônio Alves Pereira

NENO VASCO

Voz do Povo, Rio de Janeiro, 23/09/1920

O telégrafo deu-nos a triste nova: faleceu em Lisboa o incansável e infatigável propagandista das ideias libertárias, Neno Vasco.

Com lágrimas nos olhos e com luto no coração quero dar alguns traços biográficos da vida deste notável paladino dos modernos ideais de justiça e felicidade para todos, para que isso sirva de estímulo e de incentivo a tantas almas túbias e tantos espíritos timoratos, que por ai perambulam sem ideal definido, sem orientação filosófica elevada e sem noção precisa de que a literatura tem que servir as aspirações morais e econômicas da humanidade, senão faltará a sua mais nobre missão, transformando-se em instrumento de exploração, de abomínio e embrutecimento da espécie a que pertencemos.

Neno Vasco era um pseudônimo arranjado com o próprio nome de batismo: Gregório Nazianzeno de Vasconcelos.

Sendo conterrâneo do poeta português Teixeira de Pascoal, movido por este e influído por sua tendência para poetar, deixou de estudar a Medicina e matriculou-se na Universidade de Coimbra, onde se formou bacharel em Leis ai por volta de 1899.

Enquanto estudante teve a oportunidade de conversar com alguém que lhe falou de anarquismo e lhe proporcionou a leitura de

jornais e folhetos de propaganda anarquista e operária. E ei-lo esquecido da dama de seu pensamento – a Poesia – e todo entregue ao estudo desse ideal ao qual tudo entregou: energias, esforços, saber, interesses e a própria vida. Impregnou-se tão fortemente do espírito da filosofia anarquista que logo se incompatibilizou com a profissão para que tinha estudado: a advocacia, carreira que não seguiu, profissão que nada lhe aproveitou.

Tendo seu pai no Brasil, pra cá veio em 1900, indo residir em S.Paulo, onde constituiu família e onde fundou “O Amigo do Povo”, “A Terra Livre” e a revista “Aurora”, tendo sido também redator do “Avanti”, jornal que os socialistas italianos de S.Paulo publicavam e de onde se retirou por não concordar com a orientação dada ao jornal. Foi assíduo colaborador de A Lanterna e de todos os jornais libertários de língua portuguesa.

Em abril de 1911, regressou a Portugal, fixando residência em Lisboa, onde publicou o seu interessantíssimo livro “Da Porta da Europa” e de onde foi correspondente de diversos jornais brasileiros. Obrigado a procurar emprego para prover a subsistência da família, a que estremecia, continuou nas horas de repouso auxiliando a propaganda operária e anarquista, colaborando e dirigindo a revista “A Sementeira”, de Lisboa, por vários anos.

Com a declaração da guerra europeia em 1914 e que transtornou o juízo a tantos militantes, Neno Vasco não perdeu a serenidade de sempre: manteve-se na estacada, desmascarando os truques, as falácias, os estratagemas de todos os contendores, demonstrando que o povo tinha tudo a perder com a desgraçada conflagração e que seus interesses nada tinham de comum com os da camarilha de abutres e piratas que lançavam povos contra povos na ânsia de grandes lucros, enormes despojos e de imensas riquezas.

Com o advento da Revolução Russa, após a queda de Krenski, Neno foi o primeiro a compreender o alcance glorioso de semelhante acontecimento e defendeu-a valentemente, trazindo e vulgarizando tudo em livros, jornais, e em depoimento de testemunhas oculares no que se referiu de prático, justo e elevado a revolução e a sua imensa transcendente tarefa; isto

quando os governos de todos os países, por meio da imprensa mercenária, procuravam desonrar aquela grande obra, inventando as infâmias mais inverossímeis e abracadabrantas, os crimes mais hediondos, as ações mais horripilantes, atribuindo-as aos homens que na Rússia tinham tomado a incomparável tarefa de se libertar dos seus algozes e tiranos, estabelecendo uma justiça nova e um estado social onde todos possam respirar.

Fez tudo isso no meio das maiores dificuldades de tempo e de espírito, com a tuberculose instalada em seu domicílio, ameaçando, dia a dia, a vida de sua dedicada Mercedes “ a alma de sua alma ”, como ele se exprimiu num postal que nos enviou, depauperado de forças, exausto. “Se me mantenho de pé, dizia-nos em carta, é porque a companheira e os filhos não têm outro arrimo”.

Com a morte de sua Mercedes, enfraquecido, debilitado, por tão longa expectativa, chocado com tão grande golpe, predisposto a doença e já incubando-a em seu abalado organismo, a terrível tuberculose apoderou-se daquele simulacro de corpo e fez-lhe tantos estragos e tão rapidamente, que o desfecho era visível a todo espectador menos prevenido, alarmando todos os seus amigos com o desenlace que não se demorou.

Mas nunca desanimou. À beira do sepulcro, com a morte na garganta, não mantendo ilusões sobre o seu próximo fim, sobre o seu imediato desfecho, deu-se pressa em escrever um livro notabilíssimo, que é naturalmente o suprassumo, a quintessência de tudo quanto aquele poderoso espírito concebeu de melhor, de mais nobre e de mais elevado: “A Concepção Anarquista do Sindicalismo”.

Sabendo-o mal e alarmado com as notícias recebidas, ignorando o estado depauperado de seu organismo, e os progressos rápidos de sua moléstia, escrevi-lhe procurando animá-lo e reconfortá-lo, ao que ele, em postal de 1 de Junho, após a enumeração das dificuldades em curar-se e restabelecer-se. “Por isso, longe de desvairar, como supõem, encaro a situação serenamente e trato de escrever a toda pressa o meu testamento, a ver se ao menos deixo algum serviço aos homens, por insignificante que seja”.

Esse “testamento espiritual” era o livro citado acima, e que ele não sabia se teria tempo de escrever antes de partir para o país de onde não se volta. Supomos, porém, que ele o conseguiu acabar.

Neno era um admirador fervoroso de Malatesta e, em língua portuguesa, o seu mais completo e dedicado vulgarizador.

Todos os seus folhetos e todos os seus notáveis artigos esparsos pelos jornais que Malatesta publicou durante a sua longa e acidentada vida de apóstolo e militante, foram traduzidos e publicados por Neno, sendo talvez este o maior e mais completo discípulo do dedicado e experimentado revolucionário italiano. Mas não era só: ao lado prático de Malatesta, Neno juntava o lado idealístico de Kropotkin, casando as duas tendências como num perfeito fenômeno de simbiose, tornando-se um elemento equilibrado, ponderado e de extraordinário valor em todas as questões que demandavam sensatez, agudezas de vistas, previsão e penetração dos acontecimentos.

Enfim, sua vida foi uma súpula de virtudes: filho dedicado, pai extremo, marido exemplar, amigo incomparável, companheiro sincero, caráter sem mancha, escritor sóbrio, mas, elegante e emotivo, poeta delicado, jornalista emérito, um conjunto de nobres faculdades que faziam dele o mais elevado dos exemplares da espécie humana e que dignificariam só por si uma ideia e até uma raça.

Acanhado, tímido, de uma modéstia, raiando pelo exagero, pode-se dizer dele o que o que Kropotkin disse de Élisée Reclus e o que ele aplicou a Berthelot, o pranteado autor de “O Evangelho da Hora”: “a anarquia já produziu uma série de caracteres esquisitos e delicados que cada vez mais a enobrecem”.

Dotado dum talento raro, duma cultura excepcional, de uma atividade assombrosa, podendo subir, trepar, dominar e mandar, preferiu ser modesto entre os modestos, trabalhador entre os trabalhadores, um igual entre os iguais, e é por isso que a sua nobre figura, fora dos elementos operários e revolucionários, passou quase despercebida.

Agora morreu. O invólucro material desapareceu para sempre. Restam-nos, porém, seus exemplos dignificantes de generosidade e dedicação com que sempre trabalhou a favor dos ideais que acalentamos; os seus livros e os seus escritos cheios de pensamentos nobres e elevados, que podemos e devemos seguir, compreender e assimilar.

E será essa a melhor maneira de honrar sua memória: disseminar pelo exemplo, pela palavra e pela escrita os ideais generosos e libertadores que o guiaram e pelos quais agiu, lutou, padeceu e tombou.

Nunca se esqueceu dos amigos que aqui granjeou, onde no seu expressivo dizer, viveu a melhor época da sua vida de homem e de militante, sempre se lamentando de que eles não lhe dessem notícias amiudadas.

E um dos seus momentos em que ultimamente mais se sensibilizou foi ao receber parte de uma subscrição aberta pelos companheiros d'A Plebe, como prova da sua solidariedade, pretendendo a o mesmo tempo ajuda-lo nas suas dificuldades econômicas.

De uma localidade no Minho, onde tinha ido a ares, à procura do lenitivo para os males, escreveu-nos: "Proibido de escrever, pelo médico mando-te mil abraços comovido para tí e para distribuíres pelos amigos".

Depois... a morte!

Em julho de 1911, na redação de "A Sementeira", Neno falava de Malatesta, da sua coragem, do seu desprendimento, e especialmente da sua modéstia e experiência. Em tom de gracejo, eu retorqui-lhe: se isso é defeito, desse mesmo mal tu padeces. Ele todo confuso e contrafeito, mal pode balbuciar qualquer negativa. Eu, então, disse-lhe: não faz mal; porém, que, quando tu morreres eu me encarregarei de aplicar a tua pessoa o mesmo que acabas de referir ao Malatesta.

Quão longe eu estava de pensar que cumpriria a promessa e que o faria tão depressa! Morreu aos quarenta anos.

Adelino de Pinho

MORREU NENO VASCO!

A Plebe, 25 de setembro de 1920

*“Não consiste a vida no viver somente,
nem no morrer a verdadeira morte”*

A notícia que nos acaba de transmitir o telégrafo, lacônica e indiferentemente, em três linhas apenas, e ainda assim mentindo no que diz respeito ao sublime ideal de que o nosso inestimável companheiro foi sempre não só um ardoroso e abnegado propagandista, mas também um dos mais belos e admiráveis expoentes no terreno da literatura e do jornalismo revolucionário.

Ao contrário, pois, do que telegraficamente se leu n’O Estado de São Paulo, Neno não era e nem fora apologista do sistema republicano, mas sim, genuíno e sinceramente anarquista cujas convicções e propósitos se patentearam sempre com galhardia e inteligência no decorrer de sua plácida e trabalhosa vida; quer como propagandista dos mesmos princípios; quer como pai, esposo e filho de que foi sempre na família, um dos mais belos modelos de ternura e de amor; quer, finalmente, como indivíduo, cuja moral e inteligência a partir de uma sólida cultura científica, realçava-lhe a feição gentil, extremamente delicada e cativante de suas maneiras, tornando-o não só admirado de todos os seus

amigos e companheiros de luta, mas até mesmo de seus próprios adversários, que nele viam a encarnação do ideal anarquista e revolucionário nobremente representado e dignificado pelo talento e pela cultura de quem, sabendo esgrimir as armas da inteligência e da razão em defesa dos mais levantados princípios, fazia brilhar a verdade em seus argumentos e confundia-os, patenteando-lhes a nobreza e a sublimidade dos seus sentimentos de justiça e a elevação de seu amor pela causa da humanidade.

Modesto ao extremo, desprezioso, desprendido de interesses, foi o que se pode chamar um apóstolo perfeito, um modelo impecável de virtude, porque no seio bonançoso e amorável de sua grande alma se abrigavam todos os ideais de justiça, de paz e de amor.

O trabalho intelectual por ele desenvolvido na obra de propaganda e organização das forças revolucionárias era tão intenso como o seu amor e o seu entusiasmo pela causa da redenção da humanidade não poupando esforços nem sacrifícios na luta pelo bem-estar e felicidade de todas as vítimas do odioso regime atual.

Assim foi que, aqui em São Paulo como em Portugal, terra de seu nascimento, soube ele imprimir a virilidade de seu talento de escol na obra de propaganda emancipadora do proletariado, a quem, por meio da Imprensa libertária, que criou e deu vida, por meio de opúsculos, que escreveu e traduziu para a divulgação de nossos ideais - abriu com toda a prodigalidade o tesouro inesgotável do seu coração, iluminando ele a alma com a luz de sua inteligência privilegiada e culta cujas irradiações possuíam o condão de afugentar-lhes as trevas da ignorância e abrir clareiras na selva tenebrosa dos inimigos da luz e da liberdade apontando-lhe a senda que o conduzirá à vitória.

Espírito lúcido, abnegado e generoso soube relegar os privilégios de seu título de bacharel pela Universidade de Coimbra a qual cursou com distinção para se tornar professor e jornalista, dadas as repugnâncias que lhe causavam a profissão de advogado para a qual não podia adaptar-se a sua grande alma de apóstolo do bem e da justiça.

Além de artigos, opúsculos, versos e outros trabalhos literários, publicados pelos nossos jornais, legou-nos o livro - “Da porta da Europa”, e a peça teatral inédita - “Pecado de Simonia”, fina e brilhante comédia de crítica social e religiosa, já bastante vezes levadas à cena e que constitui uma das belas joias do repertório do teatro libertário.

João Penteado.

NENO VASCO

17 de setembro de 1920

Neno Vasco, o que tantos anos foi para nós um esforçado companheiro de luta, o que foi para A Batalha, desde o seu início, um colaborador assíduo e valiosíssimo, faleceu na terça-feira última em S. Romão, próximo do Porto, para onde há meses fora em busca de melhoras, a procurar dominar a implacável doença que o vitimou. A notícia chegou-nos ontem, quando menos a esperávamos, porque nada fazia prever um tão rápido desenlace. Informes que há pouco recebemos do Norte davam Neno Vasco, senão em vias de cura, pelo menos melhor do que quando partira de Lisboa. Soubemos depois que a enfermidade retomara o predomínio, mas nunca pela nossa mente passou a ideia de que tão cedo nos víssemos privados do forte combatente, do amigo íntimo, do colaborador insubstituível que Neno Vasco era. Nada poderia contristar-nos tanto, nada poderia encher tanto de turbção as nossas almas como este estúpido e cruelíssimo golpe prematuro da morte.

O que desapareceu era precisamente o melhor de todos nós. Valorizava-o uma inteligência excepcional, auxiliada por uma cultura invulgar. Estudioso, trabalhador, dedicadíssimo, Neno Vasco era bem o nosso mestre, sempre solícito, sempre disposto. Mas era também uma figura moral de uma extraordinária

grandeza, destas figuras raras de apóstolo que só de longe em longe surgem, deslocadas num mundo de perfídia e de baixez, procurando esquivar-se, pelo isolamento, ao contato malsão da época em que vivem.

A perda que acabamos de sofrer é incalculável, e nas nossas fileiras ficará aberto, sabe-se lá por quanto tempo, um lugar muito difícil de preencher.

* * *

O dr. Nazianzeno de Vasconcelos (pouquíssimos conheciam o nome verdadeiro e a qualidade de bacharel em leis do nosso querido morto) passava quase despercebido, pela natural modéstia do seu porte, em meio das multidões banais. Vendo-o, ninguém conseguiria surpreender-lhe as extraordinárias faculdades. Dir-se-ia que andava envergonhado do seu próprio valor. E ele era alguém, era verdadeiramente um homem, nesta época em que os homens dignos desse nome tanto rareiam, homem pelo cérebro, homem pelo coração, homem pelo caráter. O seu critério sempre andou apegado à verdade, e sempre as suas opiniões sobre os problemas que surgiram foram as aceitas, reconhecidas finalmente como mais justas. Ninguém, como ele, sentiu tão profunda a rútila beleza da Anarquia, ninguém, como ele, procurou harmonizar tão inteiramente os seus atos com os seus princípios.

A tuberculose veio assassiná-lo no preciso momento em que a sua ação incansável, e os seus ensinamentos preciosos mais necessários eram. E daí Neno Vasco morreu não bem por mor da tuberculose mas mais pelo desgosto que a morte da esposa lhe causou. São assim, cheios de afetividade, os bravos lutadores do Ideal.

Neno Vasco caracterizou-se sempre por uma invulgar firmeza de princípios. Isto se demonstrou várias vezes, a quando da guerra, principalmente, dessa guerra que ele previra com uma admirável lucidez, três anos antes. As suas opiniões, ansiosamente esperadas e respeitosamente acatadas em vários meios internacionais, souberam manter inalteravelmente o critério libertário,

o mais puro e o mais elevado. Pôs ao serviço dos oprimidos, dos desapaosados, todo o seu saber, todo o produto do seu estudo, toda a potência das suas faculdades. A sua vida, que a morte tão cedo veio cortar, foi gloriosa, pura, abnegada e, por uma requintada crueza do destino, plena de desventura e sofrimento.

* * *

Neno Vasco nasceu em Amarante. Morre com 42 anos. Por simples aquiescência a desejos familiares formou-se em direito. Mas, obtida a carta de bacharel, logo a desprezou, e pouco após marchava para o Brasil onde permaneceu largo anos. Lá montou banca de advogado, ainda por imposição da família, mas não lhe consentiu o temperamento mantê-la, apesar de ter sido a sua estreia no foro das mais brilhantes e prometedoras. Passou então a dar lições, e, estudando sempre, adquiriu profundos conhecimentos em vários ramos de ciência.

A filologia prendeu-lhe particularmente as atenções. Entrementes, dirigiu e sustentou, com o maior dos sacrifícios, os jornais *Amigo do Povo*, *Aurora* e *Terra Livre*, de S. Paulo, trabalhando, por todos os meios; apaixonada e proficuamente, pela defesa e educação do proletariado brasileiro. Colaborou seguidamente na *Lanterna*, de S. Paulo, na *Guerra Social*, do Rio de Janeiro, no *Diário*, do Porto Alegre, e em várias outras publicações. Regressando a Portugal em 1910, fez parte do corpo redatorial da *Aurora*, do Porto, e da *Terra Livre* e *Sementeira*, de Lisboa. Pouco depois reunia, num volume intitulado *Da Porta da Europa*, alguns dos seus escritos de 1911 e 1912. Este volume marca bem o temperamento e atesta sobejamente os méritos do seu autor.

Neno Vasco conheceu no Brasil a mulher que depois foi a sua esposa extremosíssima, companheira de luta e de estudo. Enfermou esta, e foi-lhe a tuberculose minando a vida até que, há cousa de seis meses, a morte a prostrou. Neno sofreu com esta morte um abalo tremendo e foi esse abalo, mais do que qualquer

outra circunstância, o que o matou. “Doente de amor” - diagnosticou o médico que no Porto o tratava.

Neno Vasco falava e escrevia em seis línguas. Traduziu muitas obras de propaganda, e escreveu outras, entre elas as Geórgicas, destinada aos trabalhadores rurais. Era além disso correspondente de vários jornais e revistas ingleses, franceses, italianos e brasileiros. Amigo íntimo de Henrique Malatesta, com quem mantinha uma assídua a correspondência, sendo admirável a concordância entre a orientação de ambos, Neno Vasco era, em todo o mundo libertário, justamente considerado uma autoridade. A sua última obra, Concepção anarquista do sindicalismo, fica incompleta, a morte não tendo permitido que Neno a concluísse.

Editorial de A Batalha

UM ANARQUISTA PELO FATO

A Batalha, Lisboa, 17 de setembro de 1920

Com Neno Vasco desapareceu a figura mais representativa do anarquismo em Portugal.

Mental e moralmente ele foi – tanto quanto é possível dentro das condições deste meio maldito em que somos forçados a viver – um anarquista de fato e pelo fato. Pelo fato, sim, porque Neno Vasco não se limitou a divulgar teorias anarquistas mas esforçou-se por praticar, por as propagar também pela ação e pelo exemplo.

Pregava a necessidade do homem se elevar, se aperfeiçoar, se perfectibilizar por uma autoeducação mental e de vontade própria.

Compreendendo que, sendo esta sociedade um charco em que a lama é constituída pelos próprios homens, a forma de a limpar é extraindo-lhe essa lama, ele contribuiu para essa limpeza saindo ele próprio do charco. Compreendendo que se o homem é o produto do meio e o meio é a consequência do que são os homens, ele preferiu modificar-se a si próprio para modificar o meio, a pôr-se à espera que o meio o transformasse a ele.

Pregou o amor à humanidade e começou por ser bom para a sua família, para os seus amigos e para os seus camaradas.

Pregou contra a ambição e a soberba, e foi sempre um modesto. Pregou a solidariedade, o respeito pela liberdade e pela

vida alheias, e foi tolerante para com todos e nunca atentou nem aconselhou que se atentasse contra a liberdade e as pessoas dos seus adversários. Combateu a violência e nunca foi violento. Fez guerra ao parasitismo, e trabalhou toda uma vida inteira. Pregou a fórmula “não há direitos sem deveres nem deveres sem direitos”, e cumpriu sempre, como um escravo, os seus deveres para impor, com altivez, o respeito pelos seus direitos.

A operosidade e à erudição de Neno Vasco deve o operariado português muitíssimo. Mas eu me persuado que a falta que ele há de vir a fazer no futuro é muito maior que a influência que ele exerceu nos nossos meios operário e social.

Nem a sugestão da guerra nem a da revolução bolchevista obliterou o seu critério anarquista. Fiel, lógico e coerente com os princípios libertários se manteve, quer na luta entre intervencionistas e antigueristas, quer perante o acesso ao Poder do proletariado russo.

Para ele, que não acreditava na panaceia da revolução capaz de transformar os homens dum dia para o outro, a revolução bolchevista muito longe está de representar o advento da anarquia. Por isso mesmo continuou, perante a ditadura proletária, a ser o mesmo combatente contra a violência, contra a lei, contra o Estado, contra o militarismo, contra a guerra, e o mesmo propagandista das ideias comunistas e libertárias.

E amanhã, quando o proletariado português tomasse conta do Poder, Neno Vasco, como anarquista consciente e coerente, não seria comissário do povo nem redator da folha oficial do governo da República Portuguesa dos Sovietes. Mater-se-ia ao lado dos governados contra os que governassem, dos tiranizados contra os tiranos, continuaria o trabalhando com o povo, lutando com o povo, sentindo com o povo, educando o povo para que ele dispensasse ditadores, preparando o povo para que este pudesse viver, enfim, dentro do regime comunista anárquico de que ele era apóstolo impenitente, sincero e consciente.

É por isso que o Neno Vasco vai fazer muita falta!...

UM HOMEM QUE MORRE E UM ESPÍRITO QUE VIVE

A Batalha, Lisboa, 17 de setembro de 1920

Pouco privei com Neno Vasco conhecendo-o quase que por tradição.

Sempre que o lia, admirava-o, como deve ser admirado num espírito culto e superior. Personificava em si a bondade e a ternura, trabalhando incessantemente pela emancipação dos povos que ansiava ver redimidos pelo ideal comunista. Escritor distinto, tanto na forma como no conceito, impunha-se à nossa admiração não só pelo seu real valor, como também pela sua muita modéstia que em si era naturalíssima.

O seu desaparecimento deixa, sem dúvida, uma lacuna difícil de preencher.

Morreu o homem mas a ideia fica, e com ela o seu espírito que em nós revive perduravelmente.

Alfredo Neves Dias

MORREU O NENO VASCO!

A Batalha, Lisboa, 17 de setembro de 1920

Quase de supressa colheu-nos esta manhã a desagradável notícia da morte prematura do nosso bom amigo e dedicado camarada Neno Vasco. Informados dia a dia sobre seu estado, e sempre recebendo as notícias mais esperançosas sobre a sua saúde, ao terminarmos a leitura do lacônico telegrama, que nos transmitia tão triste e inesperado acontecimento, ficamo-nos pensando, durante alguns segundos, que nos tínhamos decerto equivocado; mas em breve, a letra em caracteres bem legíveis, que diante de nossos olhos se continuava apresentando, fez-nos convencer que era fato consumado, e que de entre nós para sempre já desaparecera um dos nossos mais ativos e denodados lutares da causa revolucionária.

A dor natural sempre em nós despertada pela morte de todos com quem convivemos, juntou-se também o desgosto de tão cedo ver assim morrer um trabalhador incansável de vastos recursos que deixa um lugar vago no front revolucionário, e que só muito tarde será substituído.

Figura apagada, sem atrair a atenção, calmo e frio na aparência, ele sentia, no entanto, segundo sua própria expressão, arder dentro em si o fogo inextinguível da paixão anarquista, à qual

sacrificou todas as outras paixões, e, pela qual orientou todo o seu procedimento.

Dirigindo-se a Coimbra com preocupações literárias, e chegando mesmo até a compor um romance, a tudo isso renunciou ao terminar o seu curso, pois que, na sua opinião, o literato no futuro certamente estragaria o novo militante “em embrião”.

Partiu para S. Paulo, votando ao esquecimento o grau de doutor, e ao jornalismo e à propaganda dos ideais anarquistas, dedicou durante alguns anos o melhor do seu tempo.

Apesar de não ter temperamento de agitador, Neno Vasco sentia, no entanto, a necessidade imperiosa de seguir bem de perto o movimento organizador das classes proletárias, e foi sobretudo por isso, que aborrecimento com o meio paulista, voltou ele a Lisboa, após a implantação do regime atual, esperançado, com razão, no então movimento sindicalista de carácter revolucionário nascente entre nós.

Aqui, como é sabido, pelo jornal e pela brochura, com o mesmo afincado trabalho sem descanso, e ainda, após a morte da esposa, o duro e atroz golpe que sem dúvida o prostou, ele continuou escrevendo, já exausto de forças, mas com certo entusiasmo, o seu novo opúsculo *Concepção Anarquista do Sindicalismo*, que agora fica em meio, não havendo, provavelmente, quem neste momento se disponha a continuar desenvolvendo as ideias que aí por ele vinham sendo tratadas.

Adriano Botelho

UMA PERDA

A Batalha, Lisboa, 17 de setembro de 1920

No seu mutismo feroz, a morte acaba de roubar à piedade dos evangelizadores da Sociedade Nova um dos seus mais belos ornamentos, uma das suas mais elevadas figuras morais.

Neno Vasco, essa fulgurante inteligência, que tinha tanto de erudito como de modesto, que o mundo anarquista conhecia pelo seu saber e pelas suas refletidas opiniões sempre esperadas com interesse, deixou de existir num momento em que mais se faz sentir a falta daqueles espíritos cultos que devem encaminhar as multidões para a sua integral emancipação.

Nunca lidamos com ele e só duas ou três vezes o vimos; no entanto já o conhecíamos desde há muito, através dos seus escritos, espalhados por um sem número de publicações, que com prazer apreciamos pelos seus conceitos superiores, sendo isso o suficiente para se afirmar que o seu lugar dificilmente será preenchido senão for insubstituível.

Foi morrer nem recanto do Minho, nessa bela região em que a Natureza nos prodigaliza todos os encantos imagináveis. La tinha ido procurar alívio aos padecimentos que o atormentavam. Foi morrer a uma província onde a Idea, que ele apostolizava com carinho, com amor, ainda não conseguiu divulgar-se tanto

quanto seria para desejar. Mas por lá existem prosélitos devotos que agora, certamente, saberão honrar a memória de Neno Vasco, que se finou no seu seio, espalhando a semente das suas ideias, que germinará com pujança, desobstruindo o caminho para uma sociedade feliz.

A sua perda é irreparável, sem dúvida, mas que todos sigam e advoguem as suas doutrinas por ser esta a melhor forma de conservar viva a sua memória.

Francisco de Sousa

NENO VASCO

A Batalha, Lisboa, 17 de setembro de 1920

Neno Vasco não era apenas um propagandista, era também um exemplo.

É costume dizer-se bem dos homens após a sua morte. Eu nunca o fiz senão quando eles realmente o merecem. Quem me conhece poucas vezes me tem ouvido elogiar. É que eu entendo que tanto se pode perder um homem pelo elogio como pela maledicência. Estou, pois, habituado a dizer sempre a verdade acerca de tudo e de todos. Não escolho, portanto, a hora de profunda comoção em que escrevo, para me desfazer fazer em frases lamechas. A verdade acerca de Neno Vasco não pode ser senão elogio dos seus sentimentos.

Pouca admiração tenho pelos homens; apenas me seduzem as suas ideias e as suas qualidades. Só direi que um homem é grande porque os seus sentimentos são grandes e só lamento a perda dum homem porque ele leva consigo as grandes qualidades.

Neno Vasco que viveu sempre ignorado, era grande, porque a sua moral o era também. Por esse motivo eu pretendo render a esse grande espírito a homenagem que merece. A melhor maneira de lhe render será apontando-o aos que o não conhecem como

exemplo, exemplo de modéstia, de amor pelo estudo e pela família, pelos homens e pelos ideais rasgados e belos que propagava.

Há muita gente que professa o seu ideal mas muito poucos possuem as suas qualidades. O respeito pelos direitos alheios, a delicadeza sã, o amor à Beleza e à Verdade poucas vezes se encontram, infelizmente; e são elas afinal os primeiros princípios anarquistas.

Neno Vasco pregava a igualdade e nunca ouvi sobrepor-se aos direitos alheios; pregava a liberdade e ninguém encontrei ainda quem melhor respeitasse a liberdade alheia; pregava o amor e era duma dedicação extrema pela família.

Agora, que o seu corpo vai estagnar para sempre na vala igualitária, que a sua boca se fechou para a justiça, o amor e a liberdade; que a sua pena descansa finalmente duma faina esgotante de combate ao erro e a ignomínia, eu desejava que cada um dos que militam no campo das suas ideias, tomasse para si as suas qualidades, com melhor homenagem ao seu espírito, como mais bela maneira de perpetuar a sua moral. Esse gesto valeria mais do que um monumento, mais do que todas as formas de exteriorizar a dor, todos os lamentos e choros, embora sinceros, que porventura se ouçam neste momento.

A consternação que de mim se apoderou, mal traduzido pela banalidade da palavra e pela frase desconstruída, apenas me aconselha a seguir o seu exemplo. Homens como Neno Vasco não se podem ultrapassar; já será muito imitá-lo. Que os outros imitem porque quanto melhor o imitarem mais perfeito serão.

A vida de Neno foi uma lição. Oxalá de hoje em diante a sua recordação continue a ensinar aos que ficam a viver uma vida bela como a sua, a vida plena, a verdadeira vida.

Mário Domingos

NENO VASCO

A Comuna, Porto, 25/09/1921

Não tenho pelos mortos, ainda que muito queridos, o culto fetichista da idolatria. Isso, não obsta, todavia, a que, nesta hora de mágoa e de desgosto, consagre a um ente que na vida soube ser alguém, algumas palavras de justiça que consubstanciem a homenagem que devo a um Justo.

É que Neno Vasco, além de ter sido um grande, um íntimo amigo, foi a mais alta encarnação do sacrifício e da abnegação que eu jamais conheci.

Com Neno Vasco privei na mais íntima familiaridade; dele recebi confissões íntimas que revelam o mais puro dos sentimentos e um equilíbrio mental sólido, inconfundível.

Se não fosse parecer ridículo, eu ousaria dizer que Neno Vasco revestia todos os caracteres do Santo.

As religiões possuem os seus ídolos mais ou menos místicos.

Se a Anarquia fosse uma religião, Neno Vasco seria um dos seus maiores, tão convencido estou de que poucos o conseguem igualar pelo nobre exemplo.

* * *

Novo ainda, eu ouvi falar de Neno Vasco com respeito e admiração. Era um intelectual que não se havia deixado prender nas corruptoras malhas burguesas- fato que não se verificava com tantos outros que, como ele, haviam frequentando os cursos universitários. E eu habituei-me a considerá-lo também. Os artigos de que era autor e que eu lia nos jornais brasileiros, alguns que enviava para os nossos jornais ou que eram transcritos, confirmavam as respeitosas apreciações que a seu respeito ouvia.

Sempre imaginei, contudo, que Neno Vasco fosse uma criatura que, por ter vindo do meio burguês, conservasse aquela pose que os hábitos dum meio diferente daquele onde fui educado, marcam a distinção.

Mas, não. Quando, em 1911, fui representar os agrupamentos anarquistas do Norte ao congresso que abria a 11 de novembro numa sala da Florescente, em Alcântara, Lisboa, tímido como era, postei-me num corredor que a essa sala dá ingresso.

À chamada dos delegados, respondi. E, ali mesmo, Neno que eu não esperava encontrar, depois de mais uma vez se certificar da minha identidade, com uma simplicidade encantadora e comovente, apresenta-se-me: eu sou Neno Vasco...

Esta agradável surpresa, foi para mim também uma revelação.

Neno Vasco não era apenas – o que já é muito! – um espírito forte e coerente, era também como que a encarnação da modéstia. Qualquer de nós é, pelo menos por vezes um enfatuado. Ao Neno não o tolhia a presunção enfática dos vaidosos, esse sentimento que tanto obscurece o raciocínio.

Neno apresentava-se como o mais modesto operário, e como operário discutia os assuntos mais profundos e transcendentos, auxiliado por uma cultura invulgar, que ele sabia simplificar com uma extraordinária clareza, com imagens e conceitos dum colorido encantador.

Assim se me revelou dias depois daquele em que se me apresentou, numa conversa amena, na sua casa da Penha de França, em Lisboa.

Datavam dessa época as nossas relações, cada vez mais assíduas, cada vez mais íntimas.

Se é lícito ter-se mestres na cultura das ideias, Neno Vasco foi o Mestre, como foi o exemplo vivo do amor, da honestidade e da modéstia.

Todos nós os que falávamos ou escrevíamos, pelo menos os que, como operários, não possuímos cultura, éramos vítimas duma certa confusão que em nós se produzia por efeito da leitura dos mais variados autores. Não raro misturávamos individualismo com comunismo, a ação com o ideal, a ciência com a filosofia, o passado com o presente, o romantismo com a realidade, etc.

Ressentia-se disso a propaganda, porque éramos incapazes de sistematizar, de distinguir, de definir com clareza, por muita que fosse a nossa vontade em acertar, em produzir algo de valor que apressasse o advento da sociedade ideal que nos acalentava a alma.

Neno, fazendo justiça à nossa sinceridade, viu tudo, logo. E iniciou na Aurora, imediatamente, a publicação de trabalhos escolhidos destinados a aclarar certas obscuridades no nosso meio existentes.

A propaganda tomou desde logo um rumo mais metódico e eficaz. Os espíritos estudiosos foram consideravelmente enriquecidos por concepções mais conformes com a realidade e com o espírito da época.

Neno Vasco que não desdenhava das altas concepções filosóficas que prendem os espíritos cultos; Neno Vasco que apreciava e compreendia a arte, que à ciência dedicava as suas melhores atenções, vivia, contudo, mais para o Ideal.

Mas o que mais o interessava eram os métodos de ação para atingir essa finalidade. Um sociólogo que conheça as civilizações do passado, que haja estudado a ética de todas as sociedades humanas, que as relacione pelo estudo da evolução psíquica dos povos nas suas várias manifestações com a vida contemporânea da humanidade, pode verificar que a sociedade é levada a uma nova transformação. Estando de posse do espírito revolucionário da época e norteando-o a centelha idealista das grandes concepções,

imaginará uma sociedade prenhe de amor, onde o espírito de justiça impere como senhor supremo em todas as relações humanas. E nesse caso imaginará e dará à estampa uma sociedade vazada em quadras superiores, de perfeição infinita, na qual o homem se nos apresente com uma feição angelical de sublime grandeza.

Qual de nós não aspira a um estado social no qual o ser humano em todas as suas manifestações se perfectibilize até a sublimidade?

Neno Vasco, como todos os idealistas da Anarquia, sem ser um romântico, sonhava com essa concepção.

Mas precisamente por isso, exatamente porque considerava que o mais importante era conseguir-se aquela finalidade ideal, é que dedicava todo o seu esforço intelectual e moral ao modo como se poderia alcançar aquele objetivo.

E assim é que nas conversas amenas, como na propaganda pública jamais o preocupou outra coisa que não fosse o método de crítica e de ação nas lutas sociais, que ele via por um prisma complexo, mas que conseguia simplificar à maravilha.

Antes do grande crime, a guerra, notava-se-lhe já aquela preocupação. Mas depois da guerra e sobretudo da revolução russa, mais ainda se acentuou. O seu livro, que ele não pode completar, a Concepção Anarquista do Sindicalismo, que vai ser publicado mesmo incompleto, e que todos deverão ler, é disso uma prova.

* * *

Neno Vasco, tendo feito uma grande obra, não produziu mais apenas porque a morte no-lo roubou aos 41 anos. Há um fato na sua vida de capital importância, que de tal o impediu: a doença pertinaz de sua companheira e que por sua vez o matou.

Este fato revela-nos quanto de grandeza tinha a sua alma.

Eu tenho conhecido alguns homens que às esposas dedicam um amor sincero e apaixonado. Mas jamais observei um amor igual ao que Neno Vasco dedicava à sua querida Mercedes.

Nunca! Mais ainda: Há romances em cujas páginas se nota a imaginação dos autores a respeito do amor que une dois seres, amor em que nós não acreditamos, ou porque estamos já corrompidos, ou porque as realidades da vida nos tornam céticos.

Pois neste momento eu queria possuir, não o engenho do novelista, mas a competência necessária para poder descrever com as cores naturais o que vi, o que observei, o que me foi confessado, para se apreciar até onde ia a honestidade e o sentimento do grande morto, dessa alma incomparável que se finou.

Quando voltava do cemitério onde jaz o querido Neno, dizia o dr. Sr. António Resende, que o falecido já quando frequentava a Universidade, onde foi seu condiscípulo, manifestava a predisposição para a tuberculose. Não serei eu quem o desmintá.

Mas ousou dizer que a tuberculose se manifestou como resultado dum amor real profundamente ferido.

Eu vi, eu assisti a um drama de pungente dor que se prolongou pelo espaço de três anos. Eu observei os transe de desespero indescritível que atormentavam o querido Neno, manifestados à maneira que a doença minava a sua companheira extremosa. Eu apreciei os maus tratos com que se causticava violentamente quando observava que a sua impotência era manifesta em conseguir a cura da sua companheira.

E à maneira que se convencia da sua impotência, definhava fisicamente. Por vezes o animava uma esperança. E todo ele era cuidados, constantemente preocupado com a sua cura.

Fazia esforços extraordinários, inauditos, sobre-humanos, não já para lhe restituir a saúde, mas para lhe conservar a vida.

Jamais acreditou que a sua querida Mercedes finasse. Ambos, mutuamente, se enganavam, tão profundo, fiel e puro era o seu amor.

Aqueles que que intimamente privavam com aquela família não se enganavam nas suas previsões. E algumas vezes consideramos que a morte de um, determinaria a morte do outro.

O amor e a falta de recursos foram a causa da sua morte. Primeiro o depauperamento físico por uma consumição contínua,

por um trabalho exaustivo e violento e depois a depressão moral em resultado da dependência financeira que a seus próprios olhos o deprimia.

Mas com tudo ia arrostando só para a salvar, à sua Mercedes. Impossível! Já gasto fisicamente, a morte da sua querida, quase o dementa. A si mesmo se castiga e se acusa de assassino, na hora em que ela morreu – “Fui eu que a assassinei – dizia – sou um canalha, um miserável – sou o seu assassínio. A todos o hei de dizer, vou proclamá-lo bem alto para que toda a gente o saiba!”

E assim fez, enquanto não acalmou, como se fosse ele e não a sociedade a assassina de sua Mercedes e que o assassinou também...

Momentos antes do cadáver da sua querida se retirar para o cemitério quis despedir-se dela só, sem que ninguém o observasse. Mas eu que havia assistido ao ato de desespero da madrugada daquele dia fatídico, temi outro idêntico e com o consenso dos restantes segui-lhe na peugada, quedando-me a observá-lo sem que ele de mim desse conta.

De pé, encostado à cama onde repousava o cadáver, o Neno, chorando, dizia a Mercedes, já hirta, qualquer coisa de profundamente amorável, de saudoso, o coração recortado por uma mágoa intensíssima. Retirou-se, contorcendo-se, como se uma dor agudíssima o atacasse, e resvala, encostado à parede do aposento, para o chão, alquebrado por uma completa prostração.

Desde esse dia a sua consumpção foi cada vez maior. Dia a dia definhava, e nem o alento dos camaradas e amigos, nem a amizade dos filhos, tiveram o poder supremo de encher o vácuo que existia no seu coração amante.

Já em S. Romão, o seu médico confirmava que não eram os pulmões que estavam afetados e isso, confirmando as nossas apreensões, dava-nos esperanças.

Mas era já tarde. Era grande a sua fraqueza e uma vómica bastou para o asfixiar.

O que foi o exemplo do sacrifício e da abnegação, da honestidade e da modéstia, Neno Vasco (Gregório Nazianzeno de Vasconcelos) foi igualmente uma inteligência poderosa, um espírito forte e um caráter íntegro. Detestava a louvaminha. Aborrecia o disfarce. Desprezava cordialmente a imbecilidade.

Mas era-lhe sumamente agradável observar que as ideias não eram adulteradas e que se preocupava tirar o máximo partido de todos os fatos sociais que apressassem a grande revolução emancipadora; e toda a sua preocupação consistia em que orientação revolucionária fosse respeitada conservando-se-lhe a pura feição libertária.

A nossa melhor homenagem consiste, pois, em integrarmos na sua obra e nela prosseguir.

Manuel Joaquim de Sousa

Brochura publicada em *15 de setembro de 2020*.
Data do *centenário* da morte de **Neno Vasco**.
Agradecemos a parceria de Thiago Lemos
e Alexandre Samis para a seleção
dos textos

.